

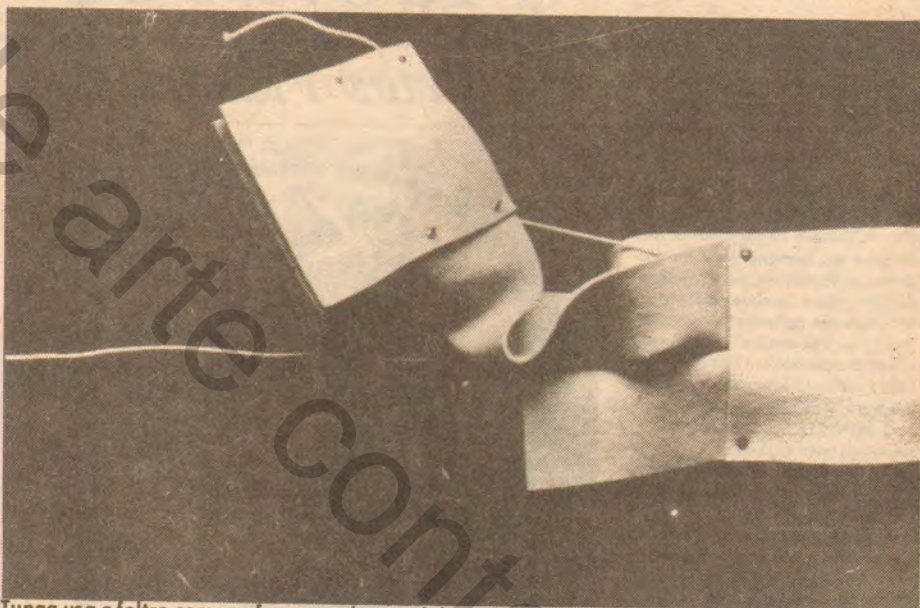
Brasileiros na Bienal de Veneza

RIO — Dois escultores, Sérgio Camargo e Tunga, representarão o Brasil na Décima Bienal de Veneza, que será aberta no próximo dia nove. Nas duas salas do pavilhão brasileiro estarão os últimos trabalhos dos dois artistas, sem intenções retrospectivas. Camargo e Tunga serão apresentados, no catálogo, pelo crítico Ronaldo Brito.

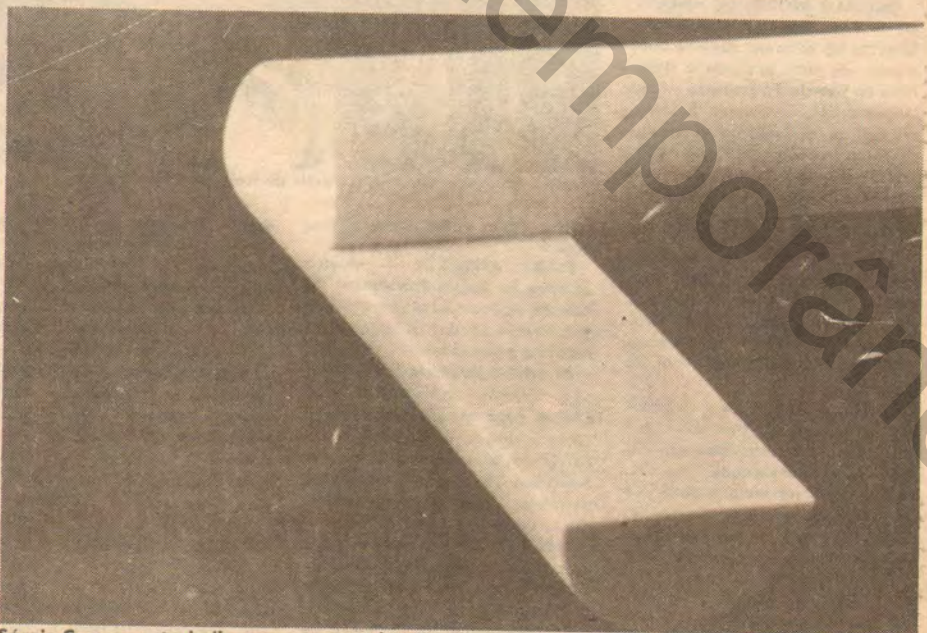
Essa é a segunda vez que Sérgio Camargo expõe na Bienal de Veneza, onde já esteve em 1966. Agora mostrará suas novas esculturas em mármore de Carrara, branca e preta, com as quais, de acordo com Ronaldo Brito, "reafirma, mais uma vez, a mobilidade e a inteligência de seu método construtivo". As peças surpreendem, segundo o crítico, pelo rigor e sensibilidade que conseguem apresentar, "transformando o mármore numa matéria em constante palpitação".

As esculturas de Tunga, em feltro, desenvolvem um raciocínio topológico, mas com evidente conotação corpórea, segundo Ronaldo Brito. Para ele, Tunga usa o feltro como se fosse a pele, e "as dobras seriam, assim, da ordem do desejo".

Na opinião de Brito, Camargo e Tunga provam uma certa continuidade do pensamento da arte brasileira. Daí o interesse em apresentá-los simultaneamente, uma vez que seu trabalho tem em comum, sempre de acordo com o crítico, "a afirmação da arte como um modo de conhecimento específico, além de fórmulas e ideologias, baseado numa inteligência visual irreduzível".



Tunga usa o feltro como se fosse a pele e as dobras pertencessem à "ordem do desejo".



Sérgio Camargo, trabalha em mármore de Carrara, emprestando-lhe "constante palpitação".